

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**

**CREUZA LEALDINA DOS SANTOS**

**O EVANGELHO QUE TRANSFORMA VIDAS: COMO TESTEMUNHÁ-LO E  
VIVENCIÁ-LO**

Vitória

2019

CREUZA LEALDINA DOS SANTOS

O EVANGELHO QUE TRANSFORMA VIDAS: COMO TESTEMUNHÁ-LO E  
VIVENCIÁ-LO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Professor Dr. Graham Gerald McGeoch

Vitória

2019

CREUZA LEALDINA DOS SANTOS

O EVANGELHO QUE TRANSFORMA VIDAS: COMO TESTEMUNHÁ-LO E  
VIVENCIÁ-LO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de  
Vitória.

Data de aprovação: 13 de novembro de 2019.

Examinadores:

---

Professor Dr. Graham Gerald McGeoch  
Orientador

---

Professor Dr. Julio Cezar de Paula Brotto

Dedico este trabalho à minha filha Michelle, que como amante do estudo e da pesquisa na construção do conhecimento, atuou como minha incentivadora durante todo o Curso de Teologia, sendo companheira tanto nas horas boas como nas difíceis de nossas vidas.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus pelo amor que Ele colocou em meu coração pela proclamação do Evangelho de Jesus Cristo;

Ao Professor Dr. Alessandro Rodrigues Rocha (in memoriam) por não só ter aprovado meu projeto, realização de um sonho antigo de escrever sobre o tema, como também ter me direcionado ao Evangelho de Lucas;

Ao meu orientador Professor Dr. Graham McGeoch que com paciência e esmero me desafiou a buscar na teologia de Agostinho de Hipona, os princípios do amor e misericórdia que pairavam no coração de Jesus Cristo.

“A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las”.

Agostinho de Hipona

## RESUMO

Este trabalho, sob o título “O Evangelho que Transforma Vidas: como testemunhá-lo e vivenciá-lo”, objetiva a obtenção de grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória. Por tratar-se de um tema amplo, a pesquisa está limitada ao Evangelho de Lucas, como também busca fundamentar-se nos argumentos teológicos de Agostinho de Hipona, mundialmente conhecido como Santo Agostinho. A contextualização argumentativa do Evangelho de Lucas, juntamente com o estudo agostiniano, neste trabalho é colocada em diálogo com a teologia contemporânea, a fim de pensar o caráter transformador do Evangelho de Cristo como algo que, ainda hoje, prioriza os princípios do amor e da misericórdia como prática inserida no cotidiano da instituição Igreja, prática essa que pode ser potencializada através de ações possíveis de serem avaliadas, discutidas e implementadas pela comunidade cristã. Dentro desse papel da Igreja como agente de transformação de vidas pelo Evangelho, este trabalho discute as suas várias formas de atuação, reconhecendo que além da mensagem de esperança e amor, faz-se necessário socorrer o necessitado e auxiliá-lo na recuperação de sua autoestima, para que ele entenda ser capaz de ultrapassar os obstáculos e tornar-se uma pessoa melhor. Para isso, fazem-se necessárias ações pedagógicas que ensina, direciona, busca, preserva e presta assistência à pessoa necessitada em seus direitos fundamentais de ser humano, sem jamais negligenciar a proclamação do Evangelho de Cristo, pois caso contrário seria caracterizar a Igreja como ONG que cumpre o seu papel social, muitas vezes assistencialista, mas que nem sempre transforma vidas.

Palavras-chaves: Amor. Misericórdia. Evangelho. Igreja.

## ABSTRACT

This paperwork, entitled "The Gospel that changes Lives: how to witness it and experience it", aims to obtain a Bachelor's degree in Theology at the United University of Vitoria. Considering it is an extensive topic, the research is limited to the Gospel of Luke, but also seeks to be based on the theological arguments of Augustine of Hippo, known worldwide as St. Augustine. The argumentative contextualization of the Gospel of Luke together with the Augustinian study in this work is brought into dialogue with contemporary theology in order to reflect about the transformative character of the Gospel of Christ as something that, even nowadays, prioritizes the principles of love and mercy as a consolidated practice in the daily life of the Church, a practice that can be strengthened through possible actions to be evaluated, discussed and implemented by the Christian community. Considering the Church as an agent for transforming lives through the Gospel, this paperwork presents several forms of action, recognizing that beyond the message of hope and love, it is necessary to help the needy and to help them to recover their self-esteem, so that they understand how to be able to overcome obstacles and become a better person. In order to do this, pedagogical actions are necessary to teach, direct, rescue, preserve and assist the person in need in their fundamental human rights, without ever neglecting the proclamation of the Gospel of Christ, otherwise it would characterize the Church as an NGO which fulfills its social role, often assistentialist, but which does not always transform lives.

Keywords: Love. Mercy. Gospel. Church.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 O EVANGELHO QUE TRANSFORMA VIDAS.....</b>	<b>13</b>
<b>2 O EVANGELHO TRANSFORMADOR TESTEMUNHADO E VIVENCIADO.....</b>	<b>15</b>
2.1 O evangelho testemunhado .....	15
2.2 O evangelho vivenciando .....	17
2.2.1 O evangelho vivenciado vai de encontro ao perdido .....	19
2.2.2 O evangelho vivenciado é acolhedor .....	21
2.2.3 O evangelho vivenciado não desiste diante das dificuldades.....	22
<b>3 PAPEL DA IGREJA NA TRANSFORMAÇÃO PELO EVANGELHO .....</b>	<b>24</b>
3.1 Palavra e ação de Jesus presentes na Igreja .....	25
3.2 Igreja como comunidade acolhedora .....	26
3.3 Igreja sem características de tribunal.....	28
3.4 Igreja trabalhando para devolução da cidadania.....	30
3.5 Igreja na função pedagógica de Jesus .....	33
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o desejo de apresentar o Evangelho na sua forma transformadora como o anunciado por Jesus que, em sua condição humana, enfrentou todas as adversidades e, com um coração cheio de amor e misericórdia, dedicou a maior parte de seu ministério ao público da região da Galileia.

Os estudos e as pesquisas históricas feitas por Richard Horsley o levaram a concluir que a Galileia, local onde Jesus e seu movimento surgiram, pertencia a um complexo de aldeias agrícolas cujo povo, sob o domínio do império romano, há muito via a sua renda ser consumida pela elevada carga tributária, primeiro imposta pelo rei da Judeia, Herodes, o Grande, depois por seu filho Antipas, o então governador da Galileia.<sup>1</sup>

Para José Antonio Pagola, nas aldeias da Galileia estava “o povo mais pobre e deserdado, despojado de seu direito a desfrutar da terra doada por Deus”<sup>2</sup>. Para ele, Jesus ali encontrou um “Israel mais enfermo e maltratado pelos poderosos”<sup>3</sup>, sofrendo as consequências da opressão.

Esse cenário inóspito se fez propício para o surgimento de um Jesus ousado, que se achega aos necessitados a fim de instruí-los e socorrê-los. Pagola enfatiza Jesus como aquele que se aproxima das pessoas e sofre de perto as suas necessidades ao compartilhar a mesma vida daquela gente pobre, para dar-lhes a boa notícia da proximidade do Reino de Deus.<sup>4</sup>

Assim, este tema *O Evangelho que Transforma Vidas: como testemunhá-lo e vivenciá-lo*, tem por objetivo chamar atenção para o Evangelho proclamado e vivido por esse Jesus arrojado, dentro da perspectiva do evangelista Lucas e da patrística pensada por Agostinho de Hipona, trazendo-o para os dias atuais.

Para compreensão da proposta deste trabalho, o leitor precisa se despir de qualquer individualismo e direcionar o olhar ao propósito do Evangelho de Jesus Cristo, pois, só assim, poderá usá-lo na transformação de vidas como ele, Jesus, o fez ao ensinar e praticar o amor e a misericórdia para com o próximo.

Wolfgang Schrage, em uma análise da parábola do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37), vê na resposta de Jesus, quando se referiu ao próximo, uma narrativa que explica “o

---

<sup>1</sup> HORSLEY, Richard A. *Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2000. p. 156-160.

<sup>2</sup> PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 113.

<sup>3</sup> PAGOLA, 2014, p. 113.

<sup>4</sup> PAGOLA, 2014, p. 223-224.

caráter ilimitado do compromisso do amor que não encontra seu fim no exigível ou no costumeiro”<sup>5</sup>, uma vez que percebe-se ali um amor que ultrapassa os limites da tradição judaica, quando um samaritano socorre um moribundo à beira da estrada, enquanto que o sacerdote e o levita passam ao longe, sem se importar com aquele que estava semimorto.<sup>6</sup>

Agostinho de Hipona ao discorrer sobre a universalidade do preceito do amor também cita o mesmo texto do evangelista Lucas e lembra que com essa parábola Jesus quis trazer à compreensão o que significa o termo próximo, ficando claro que esse se refere a toda e qualquer pessoa que carece de algum serviço de misericórdia e que essa proximidade se torna recíproca, quando entendida que tanto é próximo aquele que recebe como o que se aproxima do necessitado.<sup>7</sup>

Ainda em relação aos preceitos do amor e da misericórdia, vale ressaltar que tanto a Teologia da Libertação como a Teologia da Missão Integral, surgidas na América Latina, têm pontos em comum quando o assunto é o cuidado para com o próximo. Todavia, apesar de abordado contexto semelhante, neste trabalho não se discute nenhuma das duas teologias e sim, o amor e a misericórdia atrelados ao caráter transformador do Evangelho.

Para que isso aconteça, é necessário ampliar a visão cristã para além das fronteiras dos templos, enquanto espaços físicos, em busca daqueles que sofrem, independentemente da condição que esses se encontrem.

Nesse sentido, Alister McGrath coloca que não se pode aceitar que os cristãos se retraiam em clubes aconchegantes ou lugares seguros, pois foram chamados para “ser sal e luz do mundo - ser uma presença que transforma e renova as nossas comunidades”<sup>8</sup>.

E o que seria transformar? Etimologicamente derivado do latim *transformare*, a ação de transformar significa “dar nova forma, feição ou caráter a; tornar diferente do que era; mudar, alterar, modificar, transfigurar, metamorfosear”<sup>9</sup>. Um olhar atento ao Evangelho de Lucas é capaz de perceber que todos esses conceitos etimológicos estão presentes nos ensinamentos e ações de Jesus Cristo, que produziam mudanças naqueles que dele se aproximavam e eram transformados pelo seu amor.

<sup>5</sup> SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do Novo Testamento*. Tradução de Hans A. Trein. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 80.

<sup>6</sup> SCHRAGE, 1994, p. 80.

<sup>7</sup> AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 69.

<sup>8</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia pura e simples: o lugar da mente na vida cristã*. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 39.

<sup>9</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 2069.

Daí surge a segunda parte do tema na forma de uma indagação: como testemunhá-lo e vivenciá-lo? Esta é uma pergunta que a pesquisa pretende responder através dos exemplos de Jesus, narrados por Lucas. Tudo isso torna o tema ainda mais desafiador e interessante para aquele que ousar discuti-lo, dentro dos objetivos que se pretende demonstrar na conclusão deste trabalho.

Diante desse pressuposto, este trabalho tem o objetivo de traçar, em torno do tema, um panorama teológico capaz de despertar nos estudiosos e defensores do Evangelho o exercício do princípio da misericórdia que pairava no coração de Jesus, lembrando que entre a grande multidão que o seguia, alguns queriam ouvir os seus ensinamentos, outros porque precisavam de cura para seus corpos, mas muitos porque tinham fome e sabiam que ele não os despediria com fome.

Por tratar-se de um tema amplo, a pesquisa bibliográfica que embasa este trabalho tem seu foco voltado ao Evangelho de Lucas, como também busca fundamentar seus argumentos na teologia de Agostinho de Hipona, ambos como fontes primárias e, a partir deles, evidenciar o diálogo com a teologia contemporânea, através da literatura teológica relacionada à matéria.

Em relação ao Evangelho que, segundo Pagola, está atribuído ao médico Lucas, provavelmente escrito entre 80 e 90, foi direcionado ao público de cultura grega e narra a trajetória de Jesus desde a Galileia até Jerusalém onde foi crucificado<sup>10</sup>. Também é o Evangelho que apresenta Jesus como o hoje da salvação e a encarnação da misericórdia de Deus, conforme ainda argumentado por Pagola.<sup>11</sup>

Quanto a Agostinho, não há dúvidas de sua importância na teologia cristã. Para Alister McGrath, ele é talvez “a mente mais brilhante e influente da igreja cristã por toda sua longa história”<sup>12</sup>. No entanto, a decisão de também fundamentar este trabalho em Agostinho, deu-se em razão de seu entendimento do princípio cristão de amor ao próximo, explorado por Lucas ao descrever a pessoa de Jesus.

A contextualização do Evangelho de Lucas, junto à teologia agostiniana, ambos trazidos ao diálogo teológico contemporâneo, tem por precípuo evidenciar o caráter transformador através do Evangelho e também discutir o papel atual da Igreja, enquanto

---

<sup>10</sup> PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 13.

<sup>11</sup> PAGOLA, 2014, p. 538-539.

<sup>12</sup> MCGRATH, 2005, p. 46.

instituição religiosa, como agente capaz de potencializar transformações de vidas através da mensagem do Evangelho que priorize os princípios do amor e da misericórdia.

Nesse último ponto, são discutidas as várias formas em que a Igreja, seguindo o exemplo deixado por Jesus, além de proclamar um Evangelho de amor e esperança, também acolha, dentro da família cristã, o necessitado e exerça o princípio da misericórdia social.

Agostinho em um de seus sermões intitulado *A Disciplina Cristã* reconhece esse caráter familiar acolhedor da Igreja, quando ao discorrer acerca do amor a Deus e ao próximo, busca prender a atenção de seus ouvintes na reflexão que se o “homem tem Adão como pai e Eva como mãe; o cristão tem Deus como Pai e a Igreja como mãe”<sup>13</sup>.

Para o embasamento teológico contemporâneo, buscou-se fundamentos junto a teólogos como Alessandro Rocha, Alister McGrath, Edward Schillebeeckx, José Antonio Pagola, Jürgen Moltmann, Richard Horsley e Wolfgang Schrager, assim como artigos publicados em periódicos teológicos, a fim de proporcionar o diálogo que identifique a proclamação do Evangelho como uma ferramenta atual de transformação de vidas, em todos os seus aspectos.

Em relação ao Evangelho de Lucas, os textos bíblicos diretamente aqui citados pertencem à tradução feita pela Nova Versão Internacional – NVI.<sup>14</sup>

No desenvolvimento do tema, este trabalho está dividido da seguinte forma: a) introdução na qual o tema é apresentado, justificado e detalhado o seu objetivo, bem como traz a revisão literária, com o histórico do assunto abordado e dos teólogos pesquisados; b) o primeiro capítulo reflete o caráter transformador do Evangelho na perspectiva do evangelista Lucas, ratificado por Agostinho de Hipona, em diálogo com a teologia contemporânea; c) o segundo capítulo apresenta o Evangelho transformador testemunhado e vivenciado; d) o terceiro capítulo corresponde ao papel que a Igreja exerce para transformação de vidas pelo Evangelho; e e) a conclusão, é uma síntese do trabalho e a sua limitação como pesquisa bibliográfica.

---

<sup>13</sup> AGOSTINHO, Santo. *A disciplina cristã*. Tradução de Fabricio Gerardi. In: \_\_\_\_\_. *A fé e o símbolo; Primeira catequese aos não cristãos; A disciplina cristã; A continência*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 164.

<sup>14</sup> BÍBLIA de Estudo NVI. São Paulo: Vida, 2003. p. 1721-1783.

## 1 O EVANGELHO QUE TRANSFORMA VIDAS

Acerca do Evangelho, com propriedade Pagola declara ser ele a própria pessoa de Jesus, com “a experiência humanizadora, salvadora, libertadora que começou com Ele”<sup>15</sup>.

Essa experiência que humaniza, salva e liberta seguindo os ensinamentos deixados por Jesus, não se manifesta em um Evangelho que somente tem a função de doutrinar, mas sim no Evangelho que se encontra atrelado ao caráter intrínseco do amor a Deus e ao próximo, um amor capaz de produzir transformação de vidas.

Nesse sentido, a profundidade do amor ao próximo é colocada por Agostinho como algo que cresce quanto mais se ama a Deus, pois Ele é o próprio amor. Assim, ama-se “a Deus por Deus, e ao próximo por causa de Deus”<sup>16</sup>.

Os aspectos da transformação pelo Evangelho encontram-se evidenciados nas narrativas de Lucas, bem como observados na teologia agostiniana.

Para Pagola, Lucas apresenta um Evangelho de alegria, que “convida acolher Jesus, o Cristo [como] fruto da misericórdia de Deus”<sup>17</sup>. Nessa perspectiva, então é possível perceber o caráter transformador de vidas nas ações de amor e misericórdia dispensadas por Jesus ao próximo.

Dentro do conceito do termo próximo, Agostinho reafirma que tanto é “chamado próximo aquele a quem devemos prestar serviço ou de quem devemos receber o ministério da misericórdia”<sup>18</sup> e, na continuidade de sua exposição, em analogia à parábola do bom samaritano ainda acrescenta que: “O próprio Deus e Senhor nosso quis ser chamado nosso próximo. Pois o Senhor Jesus Cristo representa-se a si próprio sob os traços daquele homem que socorreu o pobre caído no caminho, ferido, semimorto e abandonado pelos ladrões”<sup>19</sup>.

Nesse sentido, para que Deus seja conhecido como próximo de alguém, é preciso se achegar a esse alguém como próximo, levando-lhe o amor e a misericórdia presentes nas palavras e ações de Jesus.

Ainda Agostinho, ao analisar a narrativa em que Jesus confronta os fariseus e os taxa de hipócritas (cf. Lc 11, 37-41), argumenta que a expressão usada por Jesus “Dai esmola, e tudo ficará puro para vós” é válida para todas as obras de misericórdia e também para o perdão:

---

<sup>15</sup> PAGOLA, 2012, p. 175.

<sup>16</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994. p. 282.

<sup>17</sup> PAGOLA, 2012, p. 15.

<sup>18</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 70.

<sup>19</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 70.

Dá esmola, então, não apenas quem oferece comida ao faminto, bebida ao sedento, veste a quem está nu, hospedagem ao peregrino, esconderijo ao fugitivo, visita ao doente ou ao preso, liberdade ao prisioneiro, correção ao fraco, guia ao cego, consolação ao triste, cura ao doente, orientação a quem erra, conselho a quem duvida e o que for necessário a quem quer precise, mas também quem oferece perdão ao pecador.<sup>20</sup>

Em outro texto a narrativa expressa: “Amem, porém, os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta. Então, a recompensa que terão será grande e vocês serão filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso para com os ingratos e maus” (Lc 6, 35).

Schrage segue o mesmo raciocínio ao entender que o conceito de próximo é ampliado de maneira radical quando Jesus estende o amor também aos inimigos e vê, nesse texto, a correspondência do amor de Deus que “transcende todos os limites”<sup>21</sup>.

Também Agostinho, dentro do conceito que estabelece de amor ao próximo e, sequenciando a sua análise da parábola do bom samaritano narrada por Lucas (10, 25-27), reconhece que Jesus ao concluí-la dizendo ao doutor da lei vá e faça o mesmo estende esse mesmo mandamento aos inimigos.<sup>22</sup>

Não há como negar que o amor ao próximo expresso em Levítico 19, 18 é um mandamento conhecido dos que amam o Evangelho de Jesus Cristo. Assim, para os conhecedores dos mandamentos Agostinho observa que não se pode alegar ignorância para sua não observância e ao citar o relato de Lucas, diz tratar-se de “palavras que revelam que o pecado do que sabe é mais grave do que o que desconhece”<sup>23</sup>, conforme pode-se deduzir da narrativa bíblica:

Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites. Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido (Lc 12, 47-48).

Ainda para Agostinho, é através da exata compreensão da graça outorgada por Jesus Cristo, que a pessoa é capaz de saber não só o que precisa fazer, “mas também, com sua ajuda, pode fazer com amor aquilo que tem conhecimento”<sup>24</sup>.

<sup>20</sup> AGOSTINHO, Santo. *O sermão da montanha e escritos da fé*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 391.

<sup>21</sup> SCHRAGE, 1994, p. 81.

<sup>22</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 69.

<sup>23</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Graça (II)*. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999. p. 28.

<sup>24</sup> AGOSTINHO, 1999, p. 85-86.

## 2 O EVANGELHO TRANSFORMADOR TESTEMUNHADO E VIVENCIADO

O exercício da função transformadora do Evangelho é algo que move o cristão em direção à ação de amor. Para Agostinho, o agir pela caridade é o impulso da fé, que aliado à outorga da graça de Deus, persevera até o fim.<sup>25</sup>

Dentro dessa função transformadora, torna-se necessário que o Evangelho seja testemunhado e vivenciado por aqueles que, por ele, também tiveram suas vidas transformadas.

### 2.1 O evangelho testemunhado

Lucas ao anunciar Jesus o apresenta como o Salvador: “Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador que é Cristo, o Senhor” (Lc 2, 11). Na sequência, ainda relata que Jesus ao ser levado por seus pais ao templo de Jerusalém para ser apresentado, teve esse reconhecimento por parte de Simeão e Ana, que ao vê-lo dele testemunharam (Lc 2, 25-38). Nesse contexto, testemunhar o Evangelho passa por reconhecer Cristo como Salvador e Senhor.

Para testemunhar o Evangelho de Cristo, também é preciso trilhar o caminho, nem sempre fácil, da obediência aos seus ensinamentos. Lucas ao narrar Jesus aos doze anos, o coloca como uma criança obediente a seus pais e a Deus: “Então foi com eles para Nazaré, e era-lhes obediente. Sua mãe, porém, guardava todas essas coisas em seu coração. Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 51-52). Esse perfil o acompanhou por toda a sua vida terrena, fazendo dele um grande homem.

De acordo com Alessandro Rocha, Jesus viveu dentro de uma realidade social e cresceu com o povo, por isso o seu seguimento “não pode ser confundido com relações exotéricas, em que de forma mágica manipulam-se as forças divinas em favor dessas ou daquelas situações”<sup>26</sup>. Para Rocha, o texto citado evidencia que Jesus tinha uma habitação, uma história, tinha parentes e amigos, fazia escolhas, alegrava-se e também se aborrecia.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> AGOSTINHO, 1999, p. 93.

<sup>26</sup>ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Memória e liberdade: espiritualidade do seguimento de Jesus, O Cristo*. São Paulo: Reflexão, 2009. p. 28.

<sup>27</sup>ROCHA, 2009. p. 29.

Jesus após ter sido confirmado como Filho de Deus (cf. Lc 3, 21-22), sendo levado ao deserto o diabo quis colocar sua identidade em dúvida ao usar a expressão *Se és o Filho de Deus*, conforme observa a narrativa transcrita:

Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde, durante quarenta dias, foi tentado pelo Diabo. Não comeu nada durante esses dias e, ao fim deles, teve fome. O Diabo lhe disse: “Se és o Filho de Deus, manda esta pedra transformar-se em pão”. Jesus respondeu: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem” (Lc 4, 1-4).

Já nos versos 5 e 8, do mesmo texto, vê-se colocada à prova a lealdade de Jesus:

O Diabo o levou a um lugar alto e mostrou-lhe num relance todos os reinos do mundo. E lhe disse: “Eu te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu esplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser. Então, se me adorares, tudo será teu”. Jesus respondeu: “Está escrito: Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto” (Lc 4, 5-8).

Para Pagola, a reação de Jesus às tentações nas quais foi submetido, “nos serve de modelo para nosso comportamento moral, mas sobretudo nos alerta para não nos desviarmos da missão que Jesus confiou aos seus seguidores”<sup>28</sup>.

Assim, para testemunhar o Evangelho transformador, faz-se necessário estar alerta para identificar e reagir às tentações e não deixar com que o diabo coloque em dúvida a identidade de Jesus como Filho de Deus, mantendo-se leal aos seus ensinamentos.

Quando João, o Batista, envia mensageiros a Jesus para questioná-lo: “És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?” (Lc 7, 19), o pronunciamento de Jesus é para que testemunhem dos feitos presenciados: “Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são pregadas aos pobres” (Lc 7, 22).

Pagola em seus comentários acerca da divulgação do Evangelho observa que as estruturas são necessárias para apoiar a vida, mas o testemunho dos seguidores de Jesus tem primazia absoluta.<sup>29</sup>

Nesse contexto, entre as ações praticadas por Jesus que testemunhavam que ele era o Cristo, estava inserida a pregação das boas novas aos pobres. Para Agostinho, a tarefa de evangelizar não deve ser forçada “pelas necessidades, mas por ato de livre escolha”<sup>30</sup>. É essa livre escolha que leva cristão não somente testemunhar, mas também vier o Evangelho.

<sup>28</sup> PAGOLA, 2012, p. 71.

<sup>29</sup> PAGOLA, 2012, p. 175.

<sup>30</sup> AGOSTINHO, 2017, p. 184.

## 2.2 O evangelho vivenciando

Desde o início de seu ministério Jesus ao anunciar a sua missão também assume sua identidade junto aos pobres e sofredores. O Evangelho de Lucas (4, 16s) expõe Jesus ensinando, em um sábado, na sinagoga de Nazaré quando lhe foi entregue o livro do profeta Isaías onde lê o correspondente ao capítulo 61, 1 e 2a, conforme o relato que diz: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4, 18-19).

Na sequência: Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: "Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir" (Lc 4, 20-21).

Jesus se referia a si mesmo como o Ungido de Deus, conforme Lucas reafirma no livro de Atos: "como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com ele" (At 10, 38).

Para que o Evangelho transformador possa ser vivenciado, ainda nos dias atuais, é preciso fazer conhecer as boas novas de Jesus como ato de amor e misericórdia ao necessitado. Para Agostinho, aquele que ama retamente o seu próximo o leva também a amar a Deus.<sup>31</sup>

Agostinho ainda argumenta que "só o verdadeiro amor merece ser chamado de amor"<sup>32</sup> e, na sequência, assim o define: "Ora, o verdadeiro amor é aderir à verdade, para viver na justiça. Desprezemos pois todas as coisas mortais por amor pelos outros, amor que nos faça desejar que eles vivam na justiça"<sup>33</sup>.

Jesus foi o exemplo singular de como servir a Deus e ao próximo. Para Agostinho o homem pode até considerar-se vitorioso ao "dominar outros homens, seus semelhantes"<sup>34</sup>, porque isso é próprio do ser humano cheio de vícios, mas esse é o resultado de um falso amor por si próprio. Entretanto, ainda afirma Agostinho, "é iniquidade para o homem, com efeito, querer ser servido por aqueles que lhes são inferiores, enquanto ele próprio se nega a servir quem lhe é superior"<sup>35</sup>.

---

<sup>31</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 59.

<sup>32</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 277.

<sup>33</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 277.

<sup>34</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 60.

<sup>35</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 60-61.

Nos tempos de Jesus a justiça estava fora do alcance do pobre. Alessandro Rocha relembra que no império romano aqueles que não tinham como pagar suas dívidas eram presos ou levados como escravos. Assim, aquela fala de Jesus narrada por Lucas (4, 18-19) correspondia uma “releitura das Escrituras encontrando no passado as esperanças e opressões de seu povo, assume-as como sendo suas e as incorpora no programa de seu ministério iniciado em Nazaré, na Galileia”<sup>36</sup>.

Segundo Pagola, tenham ou não seus ouvintes “entendido sua missão no contexto do jubileu, o certo é que Jesus anuncia o reino de Deus como uma realidade que exige restauração social”<sup>37</sup>. Ainda para Pagola, acolher o Reino de Deus significa dar passos rumo a uma convivência mundial mais humana.<sup>38</sup>

As bem-aventuranças de Jesus encontradas no Evangelho de Lucas (6, 20-22), estão direcionadas, primeiramente, aos pobres: “Bem-aventurados vocês os pobres, pois a vocês pertence o Reino de Deus” (Lc 6, 20). Para Pagola, Jesus usava a força da palavra para denunciar a situação injusta que vivia o seu povo e Jesus os chama de felizes não por sua condição de miséria, mas sim porque Deus está ao seu lado para fazer justiça.<sup>39</sup>

Há que se reconhecer que Jesus serviu a uma humanidade sofredora e, ao fazer isso, deixava os que sofrem se aproximarem dele. Nesse sentido, uma narrativa interessante indica Jesus na Galileia ensinando, em um dia de sábado, na sinagoga quando um homem aos gritos detém a sua atenção:

Na sinagoga havia um homem possesso de um demônio, de um espírito imundo. Ele gritou com toda a força: “Ah! que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!” Jesus o repreendeu, e disse: “Cale-se e saia dele!” Então o demônio jogou o homem no chão diante de todos, e saiu dele sem o ferir (Lc 4, 33-35).

Aquele homem ao invadir a sinagoga aos gritos, quebra todos os protocolos e interrompe o ensino de Jesus ao povo. O esperado talvez fosse que Jesus ordenasse sua retirada do recinto, mas não o fez, contrariando o óbvio deixou que ele se aproximasse e o libertou daquele sofrimento. Ao ser liberto, o homem teve a sua vida transformada pela ação de misericórdia emanada de Jesus.

Em outra ocasião, Lucas narra o episódio de um leproso que se achegou a Jesus:

Estando Jesus numa das cidades, passou um homem coberto de lepra. Quando viu a Jesus, prostrou-se com o rosto em terra e rogou-lhe: “Se quiseres, podes purificar-

<sup>36</sup> ROCHA, 2009, p. 35.

<sup>37</sup> PAGOLA, 2014, p. 137-138

<sup>38</sup> PAGOLA, José Antonio. *Jesus e o dinheiro*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 27.

<sup>39</sup> PAGOLA, 2012, p. 101-102.

me”. Jesus estendeu a mão e tocou nele, dizendo: “Quero. Seja purificado!” E imediatamente a lepra o deixou (Lc 5, 12-13).

O interessante é que Jesus não só deixou que ele se aproximasse, contrariando a lei mosaica expressa em Levítico 13, como também o tocou, mesmo ele sendo um leproso e, pela mesma lei, considerado impuro. A humanidade de Jesus, além de deixar os que sofriam aproximarem-se dele, os tratava com respeito. Nesse ato de estender a mão e tocar o leproso, Pagola observa que Jesus expressou a sua proximidade, acolhida e compaixão para com um excluído da convivência.<sup>40</sup>

Ainda segundo Pagola, ao curar enfermos, entre eles também os considerados possuídos por espíritos malignos, Jesus os reconciliava com a sociedade, já que “a enfermidade e a marginalidade estão tão estreitamente unidas que a cura não é efetiva enquanto os enfermos não se veem integrados na sociedade”<sup>41</sup>. Jesus trabalhava o coração do enfermo para que confiasse em Deus, ajudando-os a se libertarem dos sentimentos sombrios de culpa e “abandono por parte de Deus que a enfermidade produz”<sup>42</sup>.

### 2.2.1 O evangelho vivenciado vai de encontro ao perdido

O capítulo 15 de Lucas talvez seja um dos mais conhecidos entre os cristãos. Inicia-se com Jesus sendo confrontado: “Todos os publicanos e pecadores estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: Este homem recebe pecadores e come com eles” Lc 15, 1-2). A partir desse instante Jesus passa a narrar três parábolas em sequência: a ovelha perdida; a moeda perdida; e a do filho perdido. São três parábolas que ilustram o propósito da missão de Jesus.

Para Pagola, Jesus não compunha alegoria, por ser uma linguagem complicada aos camponeses, mas sim contava parábolas em linguagem simples e surpreendente, em que cada um dos detalhes era entendido em seu sentido próprio<sup>43</sup>. Suas parábolas falavam “da compaixão, do perdão, da acolhida aos perdidos, da ajuda aos necessitados”<sup>44</sup>.

Na primeira parábola veem-se o amor, o cuidado e o carinho, tipificados no pastor de ovelhas que ao perceber a falta de uma delas deixa as demais e vai em busca da que se perdeu. Ao achá-la, coloca-a sobre os ombros e a conduz em segurança.

---

<sup>40</sup> PAGOLA, 2014, p. 203-204.

<sup>41</sup> PAGOLA, 2014, p. 205.

<sup>42</sup> PAGOLA, 2014, p. 205.

<sup>43</sup> PAGOLA, 2014, p. 148.

<sup>44</sup> PAGOLA, 2014, p. 305.

Então Jesus lhes contou esta parábola: “Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente sobre os ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida. Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se” (Lc 15, 3-7).

Na segunda parábola, Jesus sabia que em meio àquela gente pobre uma simples moeda tinha grande valor, daí o esforço para recuperá-la, conforme demonstra a seguinte narrativa:

“Ou, qual é a mulher que, possuindo dez dracmas e, perdendo uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la? E quando a encontra, reúne suas amigas e vizinhas e diz: ‘Alegrem-se comigo, pois encontrei minha moeda perdida’. Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (15,8-10).

A terceira parábola revela o amor de um pai que se comove com o retorno de seu filho pródigo, mesmo diante de tamanho esbanjamento de seus bens e do protesto esboçado pelo seu filho mais velho, amor esse que fica claro no texto que segue:

Jesus continuou: Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: Pai, quero a minha parte da herança. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Caindo em si, ele disse: Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados. A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. O filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado. E começaram a festejar (Lc 15, 11-24).

Para Pagola, em “nenhuma outra parábola Jesus conseguiu penetrar tão profundamente no mistério de Deus e no mistério da condição humana. Nenhuma outra parábola é tão atual para nós como esta do pai bom”<sup>45</sup>.

Edward Schillebeeckx entende que na terceira parábola Jesus, através das atitudes dos dois irmãos, também apresenta a sua mensagem “sobre como Deus se relaciona com

---

<sup>45</sup> PAGOLA, 2012, p. 258.

peças embaraçadas; e é ao mesmo tempo uma acusação quanto os que se julgam ‘bonzinhos’ e exigem sua ‘justa’ recompensa”<sup>46</sup>.

Schillebeeckx, ainda observa que na parábola o ouvinte é confrontado e levado a refletir mais sobre o assunto, pois ela inclui “algum elemento ‘estranho’ e de ‘surpresa’ dentro de um acontecimento corriqueiro”<sup>47</sup>.

É exatamente isso que acontece nas três parábolas mencionadas. Jesus surpreende a todos ao falar da alegria quando algo que se julgava perdido é restaurado pelo amor, pela persistência, como a da mulher que não desistiu de achar a sua dracma, ou pela demonstração do profundo amor e misericórdia do pai bondoso.

Lucas ao narrar a fala de Jesus em relação ao publicano Zaqueu: “Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido” (Lc 19, 10), é um anúncio de que, a exemplo de Jesus, é preciso que se vá ao encontro do necessitado, desesperançado ou em situação de vulnerabilidade social, levando o mesmo Evangelho acolhedor que comoveu Zaqueu.

### 2.2.2 O evangelho vivenciado é acolhedor

Ao longo do Evangelho de Lucas, vê-se um Jesus que mostra uma atitude acolhedora. De acordo com Lucas ele jantava na casa do fariseu Simão quando entra uma mulher que, chorando, com suas lágrimas molha os pés do mestre e enxuga com os seus cabelos, unge seus pés com um perfume caro que trazia consigo (cf. Lc 7, 36s). Jesus ao notar a crítica de Simão, conta-lhe uma parábola sobre o perdão que o deixa desconcertado:

“Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Suponho que aquele a quem foi perdoada a dívida maior”. “Você julgou bem”, disse Jesus. Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: “Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés. Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados, pelo que ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama”. Então Jesus disse a ela: “Seus pecados estão perdoados” (7, 41-48).

Para Pagola, Simão, como perito da lei, só consegue perceber uma mulher indigna pelos seus pecados. Soltar os cabelos, beijar, acariciar e perfumar os pés de Jesus era um ofício

<sup>46</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008. p. 139.

<sup>47</sup> SCHILLEBEECKX, 2008, p. 150.

de sedução exercido pela mulher, um ato que escandaliza o anfitrião. Jesus tem um olhar diferente, pois naquele ato “ele só vê amor e a imensa gratidão de uma mulher que se sabe amada e perdoada por Deus”<sup>48</sup>. Jesus vê nela um “ser necessitado de amor, reconciliação e paz”<sup>49</sup>.

Para Rocha, ao longo de todo o Evangelho de Lucas é possível perceber que Jesus “rompe com a opressão que estava posta sobre as mulheres”<sup>50</sup> e as acolhe como suas discípulas.

### 2.2.3 O evangelho vivenciado não desiste diante das dificuldades

Não é tarefa fácil vivenciar e abraçar o Evangelho de amor e misericórdia ensinado por Jesus, pois diante das dificuldades, sofrimentos e injustiças contra o ser humano, o desânimo tende a abater àqueles que se dispõem a fazê-lo. Não obstante, na parábola contada por Jesus e narrada pelo Evangelho de Lucas é possível, ao observá-la, dela tirar lições importantes para o cotidiano:

Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar. Ele disse: “Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem se importava com os homens. E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário’. Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha me importunar’. E o Senhor continuou: Ouçam o que diz o juiz injusto. Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: ele lhes fará justiça, e depressa” (Lc 18, 1-8a).

A parábola demonstra um juiz totalmente indiferente ao sofrimento das pessoas. Para Agostinho, mesmo aquele juiz não tendo qualquer temor a Deus e compaixão humana, se curvou diante da insistência da viúva na ânsia de fazer findar suas reclamações.<sup>51</sup>

Da mesma forma, Pagola coloca que a viúva não tinha outra opção a não ser reivindicar seus direitos contra os abusos de seu adversário e o juiz ao agir não o faz por compaixão e nem pela justiça, mas para fazer cessar a importunação causada pela mulher.<sup>52</sup>

---

<sup>48</sup> PAGOLA, 2012, p. 140-141.

<sup>49</sup> PAGOLA, 2012, p. 141.

<sup>50</sup> ROCHA, 2009, p. 52.

<sup>51</sup> AGOSTINHO, 2017, p. 181.

<sup>52</sup> PAGOLA, 2012, p. 294.

Ao comparecer, continuamente, perante o juiz com a mesma reivindicação: “faça-me justiça contra o meu adversário” (Lc 18, 3), a pobre viúva demonstrou a capacidade de não se deixar abater diante da indiferença e do desprezo arrogante do juiz.

Essa é uma parábola que indica ao cristão que ele não deve desistir de clamar por justiça social. Jesus ao concluir a narrativa declara que Deus não está indiferente ao grito do necessitado por justiça. Nesse sentido, Pagola questiona se a oração do cristão tem sido “um grito a Deus, pedindo justiça para os pobres do mundo”<sup>53</sup> ou apenas cheia do próprio eu.

Foi esse grito do necessitado que Jesus, segundo o relato de Lucas, ao aproximar-se de Jericó ouviu da boca de um cego e não teve dúvidas em socorrê-lo:

Ao aproximar-se Jesus de Jericó, um homem cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmola. Quando ouviu a multidão passando, ele perguntou o que estava acontecendo. Disseram-lhe: “Jesus de Nazaré está passando”. Então ele se pôs a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!” Os que iam adiante o repreendiam para que ficasse quieto, mas ele gritava ainda mais: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim!” Jesus parou e ordenou que o homem lhe fosse trazido. Quando ele chegou perto, Jesus perguntou-lhe: “O que você quer que eu lhe faça?” “Senhor, eu quero ver”, respondeu ele. Jesus lhe disse: “Recupere a visão! A sua fé o curou”. Imediatamente ele recuperou a visão; e seguia a Jesus glorificando a Deus. Quando todo o povo viu isso, deu louvores a Deus (Lc 18, 35-43).

O texto evidencia que o homem cego mostrou persistência ao não se intimidar quando as pessoas que o desprezavam mandaram que ele se calasse, mas, contrariamente, gritava ainda mais alto, pois via na pessoa Jesus alguém que poderia socorrê-lo e, chamando-o pelo o seu título messiânico, dizia: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!” (Lc 18, 38).

Nesse episódio, Lucas descreve um Jesus que estava atento a tudo que se passava a sua volta, por isso pôde ouvir o clamor do necessitado, mesmo diante do barulho que fazia a grande multidão de seguidores.

A exemplo de Jesus, é preciso que o cristão esteja atento ao que se passa ao seu redor, pois só assim poderá enxergar e escutar os gritos dos que estão à margem do caminho, a fim de socorrê-los pelo amor e misericórdia manifestos no Evangelho transformador.

Da mesma forma, é preciso que o necessitado reconheça que na comunidade cristã tem pessoas não só capazes de ouvir o seu grito de socorro, mas também dispostas a ajudá-lo, independentemente das dificuldades.

Assim, o capítulo a seguir ressalta alguns pontos importantes para que a Igreja, utilizando-se da comunidade cristã, exerça o papel transformador de vidas através do Evangelho em ação.

---

<sup>53</sup> PAGOLA, 2012, p. 294.

### 3 PAPEL DA IGREJA NA TRANSFORMAÇÃO PELO EVANGELHO

Agostinho de Hipona ao desenvolver seu conceito eclesiológico vê a Igreja com àquela que, pelo batismo, dá à luz tanto aos nascidos dentro do seu próprio seio como fora dele. Também a vê como uma unidade de paz que mantém harmonia entre os irmãos,<sup>54</sup>

É dentro desse contexto, que na sua luta contra o cisma dos donatistas apresenta uma teologia eclesiológica consistente ao dar à Igreja conotação salvífica. Assim, ao citar o Apóstolo Paulo e Cipriano de Cartago, ele é categórico em dizer que a caridade é exercida dentro da Igreja para a salvação e, assim, quaisquer carismas não têm valor algum se praticado fora dela.<sup>55</sup>

Ainda Agostinho, ao proferir o sermão A Disciplina Cristã denomina a Igreja como casa da disciplina onde as pessoas são instruídas, através do Evangelho de Cristo, a viver bem e em seus comentários esclarece: “lembro, aos que estão há pouco na escola da disciplina, que tirei estas imagens do Evangelho”<sup>56</sup>. Agostinho também coloca que a casa de disciplina deve ser lembrada como o local de pertença do cristão.<sup>57</sup>

Jürgen Moltmann na sua obra A Igreja no Poder do Espírito, apresenta a Igreja como sendo uma “comunidade dos pecadores justificados, das pessoas libertadas por Cristo que experimentam salvação e vivem em gratidão”<sup>58</sup>, ou seja, uma comunidade que trilha o seu caminho no poder do Espírito. Moltmann ainda estabelece que a “Igreja é forma concreta da experiência que as pessoas fazem com a história de Cristo”<sup>59</sup>.

Na sua concepção de história trinitária de Deus, Moltmann aponta a Igreja na posição de participante do movimento histórico do próprio Deus e declara que qualquer tentativa para se entender a Igreja, passa pelo movimento da história trinitária de Deus com o mundo e que qualquer tentativa de se entender o movimento de Deus, remete à Igreja<sup>60</sup>. Moltmann ao colocar a Igreja como presença e sinal de Deus, a eleva a um patamar de forma que a sua trajetória na história se confunde com Deus na história.

Ainda segundo Moltmann:

<sup>54</sup> AGUSTÍN, San. *Tratado sobre el bautismo*. I, XV, 23. Disponível em: <[https://www.augustinus.it/spagnolo/sul\\_battesimo/index2.htm](https://www.augustinus.it/spagnolo/sul_battesimo/index2.htm)>. Acesso em: 11 out. 2019.

<sup>55</sup> AGUSTÍN, San. *Tratado sobre el bautismo*, IV, XVII, 24. Disponível em: <[https://www.augustinus.it/spagnolo/sul\\_battesimo/index2.htm](https://www.augustinus.it/spagnolo/sul_battesimo/index2.htm)>. Acesso em: 11 out. 2019.

<sup>56</sup> AGOSTINHO, 2013, p. 161-162.

<sup>57</sup> AGOSTINHO, 2013, p. 175.

<sup>58</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A Igreja no poder do espírito: Uma contribuição à eclesiologia messiânica*. Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 59.

<sup>59</sup> MOLTSMANN, 2013, p. 62.

<sup>60</sup> MOLTSMANN, 2013, p. 81-82.

Mesmo que as Igrejas tenham perdido no mundo moderno seu antigo caráter de poder ordenador público, moral e político, seus serviços prestados em batismo, ensino, casamento, pastoral, funeral são procurados pelo povo nos “países cristãos” principalmente em situações extremas e nos momentos em que o sentido da vida entra em crise. Em termos psicológicos e biográficos, a Igreja continua a funcionar como fator de estabilidade contra o caos interior contra a insegurança.<sup>61</sup>

Para Pagola, a “maneira como é vivido hoje por muitos, o cristianismo não suscita seguidores de Jesus, mas apenas adeptos de uma religião”<sup>62</sup>. Dessa forma, a Igreja parece ter perdido o vigor espiritual e muitos cristãos nem mesmo suspeitam da transformação que ainda hoje poderia ser produzida se a pessoa de Jesus e o seu Evangelho, ocupassem o lugar central no meio da comunidade cristã.<sup>63</sup>

De acordo com o debate anterior, Moltmann e Pagola entendem que a Igreja vem passando por mudanças ao longo da história. Dentro desse processo de mudança, é fácil perceber pessoas que já pertenceram a uma comunidade cristã e hoje, cada vez mais, engrossam a fileira dos, popularmente, chamados de sem religião. É possível que esse fenômeno esteja atrelado ao fato de que muitos acham que a Igreja é local de pessoas perfeitas, quando, na verdade, em grande número recorre a ela pessoas problemáticas, buscando um sentido para sua existência ou mesmo um lugar em que encontrarão alívio para suas aflições cotidianas junto ao Evangelho.

McGrath ao comentar o conteúdo teológico do poema O Templo, de George Herbert, enfatiza que “O evangelho é uma alquimia da graça que transforma por aplicação, como um remédio é aplicado a uma ferida pelo médico”<sup>64</sup>.

Nesse contexto, a Igreja no papel de comunidade cristã, seguindo o exemplo de Jesus em prol dos necessitados, deve agir, acolher, não se precipitar em julgar, trabalhar na devolução da cidadania e se dispor a ensinar, tudo dentro do caráter transformador do Evangelho.

### **3.1 Palavra e ação de Jesus presentes na Igreja**

O leitor atencioso à narrativa de Lucas percebe que a palavra de Jesus Cristo estava sempre acompanhada de uma ação, de forma que palavra e ação não se separam nos exemplos por ele deixados. Dentro da perspectiva do Evangelho, não é bastante repetir as palavras de Jesus nos púlpitos dos espaços cristãos, sem que ações sejam tomadas.

---

<sup>61</sup>MOLTMANN, 2013, p. 64-65.

<sup>62</sup>PAGOLA, 2012, p. 9.

<sup>63</sup>PAGOLA, 2012, p. 10.

<sup>64</sup>MCGRATH, 2012, p. 54.

Entre os que seguiam Jesus para ouvir os seus ensinamentos, também estava uma multidão de carentes do direito mais fundamental do ser humano que é o alimento para seus corpos físicos. Isso fica claro quando se analisa o teor da seguinte narrativa bíblica:

Ao voltarem, os apóstolos relataram a Jesus o que tinham feito. Então ele os tomou consigo, e retiraram-se para uma cidade chamada Betsaida; mas as multidões ficaram sabendo, e o seguiram. Ele as acolheu, e falava-lhes acerca do Reino de Deus e curava os que precisavam de cura. Ao fim da tarde os Doze aproximaram-se dele e disseram: “Manda embora a multidão para que eles possam ir aos campos vizinhos e aos povoados, e encontrem comida e pousada, porque aqui estamos em lugar deserto”. Ele, porém, respondeu: “Deem-lhes vocês algo para comer”. Eles disseram: “Temos apenas cinco pães e dois peixes - a menos que compremos alimento para toda esta multidão”. (E estavam ali cerca de cinco mil homens). Mas ele disse aos seus discípulos: “Façam-nos sentar-se em grupos de cinquenta”. Os discípulos assim fizeram, e todos se assentaram. Tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, deu graças e os partiu. Em seguida, entregou-os aos discípulos para que os servissem ao povo (Lc 9, 10-16).

A narrativa dá mostras que Jesus, além de anunciar o Reino de Deus, acolhia com compaixão os necessitados. Há um imperativo no texto exposto por Lucas: “Deem-lhes vocês algo para comer” (Lc 9, 13). A pergunta dos discípulos era como fazer se apenas tinham cinco pães e dois peixes e estavam em um deserto. Quando Jesus mandou que eles fizessem a multidão se assentar, talvez ficaram com uma indagação retida na garganta: o que o mestre fará com tão pouco?

No artigo escrito por João Luiz Correia Júnior e Gregorina de Souza e Silva, ao analisarem o termo compaixão colocam, com propriedade, que “a compaixão de Jesus é um sentimento que mexe com a pessoa até as entranhas: é sentir profundamente a partir de outrem, sofrer-com, fazer-se um como o outro de tal modo que a causa do outro termina sendo sua”<sup>65</sup>.

Não somente as palavras, mas também as ações de Jesus precisam ser parte intrínseca no seio da comunidade cristã, pois foram deixadas como exemplo singular a ser seguido por aqueles que se dizem cristãos. Assim, na proclamação do Evangelho a Igreja deve atuar com o mesmo sentimento de compaixão demonstrado por Jesus, pois é esse sentimento profundo que pode levá-la a ações que, movidas pelo amor, são capazes de transformar vidas.

### **3.2 Igreja como comunidade acolhedora**

No banquete oferecido por Levi, Jesus ao ser confrontado pelos fariseus e mestres da lei o porquê comia na casa de um publicano, juntamente com pessoas por eles consideradas

---

<sup>65</sup> CORREIA JUNIOR, João Luiz; SILVA, Gregorina de Souza e. Dai-lhe vós mesmos de comer. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, v. 3, n. 95. p. 35-48, 2007. p. 38.

pecadoras, conforme declara a narrativa de Lucas, responde: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento" (Lc 5, 31-32).

Agostinho ao dizer que “a sabedoria de Deus cura o homem” apresenta o exemplo das virtudes de Cristo como cura dos vícios, que como um remédio aplicado sob ataduras agem nas feridas e, ao concluir, expõe que há muitos remédios na “economia da medicina cristã”<sup>66</sup>.

Dentro desse argumento de Agostinho poder-se-ia então dizer aos que querem receber favores da parte de Deus, que é preciso ir até a economia da medicina cristã e lançar mão do remédio da misericórdia, conforme a recomendação de Jesus segundo Lucas que diz: “Sejam misericordiosos, assim como o Pai de vocês é misericordioso. [...]. Dêem e lhes será dado: uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante será dada a vocês. Pois a medida que usarem, também será usada para medir você” (Lc 6, 36-38).

O verso 38 soa bastante forte, pois ninguém há que seja tão pobre que não possa doar roupas, alimentos, remédios e, se de tudo não tiver bens materiais, pode dispor de parte seu tempo para ensinar um ofício ou mesmo levar uma palavra acompanhada de carinho, de amor verdadeiro por aqueles que se encontram à margem da sociedade e precisam ser acolhidos.

No artigo *Misericórdia, Carisma e Missão* de autoria de Marcial Maçaneiro, o autor faz uma distinção entre os termos *compaixão* e *misericórdia*. Para ele a *compaixão* comove e move na direção do próximo em um “sentimento que mobiliza (*motus*)”<sup>67</sup> e a *misericórdia* é o “exercício desse sentimento (*opus*)”<sup>68</sup>.

No sentimento de *misericórdia*, Maçaneiro enfatiza o toque, ou seja, o sentido corporal do tato que expressa cuidado, reparte o pão, limpa feridas, alimenta os famintos, demonstra ternura a exemplo de Jesus e, assim, conclui: “Gestos que alimentam, curam e restauram, são toques de *misericórdia*”<sup>69</sup>.

A Igreja, como comunidade acolhedora, deve seguir o exemplo de Jesus e abrir as suas portas para receber e abraçar pessoas ou mesmo famílias inteiras destroçadas socialmente e, assim, dar-lhes o suporte necessário à reconstrução do caráter despedaçado, trazendo-lhes a esperança de um futuro melhor e foi exatamente isso que Jesus fez. Para Schillebeeckx Jesus:

<sup>66</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 53 - 54.

<sup>67</sup> MAÇANEIRO, Marcial. *Misericórdia, carisma e missão*. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, fasc. 280, p. 867 – 885, out. 2010. p. 868.

<sup>68</sup> MAÇANEIRO, 2010, p. 868.

<sup>69</sup> MAÇANEIRO, 2010, p. 872.

Foi para muitos o começo de uma “vida nova”; conseguiram de novo ter esperança e renovar a própria vida. Enfim, Jesus não exigiu condições; os aflitos e necessitados o procuravam, experimentavam felicidade, sempre de “graça”. Felicidade e futuro eram prometidos a quem já não tinha futuro.<sup>70</sup>

Aqui não se trata de sustentar o ócio nas pessoas que não querem trabalhar e sim de socorrer necessitados. Muitas não entram em um espaço religioso por vergonha de não possuir uma roupa decente e limpa, enquanto outros têm seus armários abarrotados de roupas que não mais usam e algumas ainda com etiqueta da loja, pois nunca foram usadas.

Agostinho coloca que apesar de o dever de se dispensar amor ser igual a todos, não há como socorrer a todos indistintamente. Dessa forma, deve-se atender aos que se encontram mais ligados pelas circunstâncias concretas e assim se pronuncia: “Suponhamos, por exemplo, que tenhas algo de supérfluo. É preciso dá-lo a quem carece de tudo. Não pode dá-lo, porém a duas pessoas”<sup>71</sup>.

É assim, administrando ações simples voltadas primeiramente ao seu entorno, que a Igreja deve agir como uma comunidade acolhedora. Talvez o maior problema de alguns que não o faz, seja por querer começar com algo grandioso e achar que não vale apenas socorrer tão poucos, no meio de muitos. Para esses, vale lembrar o que disse Jesus, segundo o Evangelho de Lucas, na parábola do administrador astuto: “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito” (Lc16, 10a.).

Esse olhar voltado primeiramente ao entorno da instituição enquanto comunidade acolhedora, vem de encontro aos dizeres de Agostinho ao argumentar que ninguém ama aquilo que desconhece.<sup>72</sup> É nesse sentido, que se deve buscar conhecer e sentir as necessidades do próximo para acolhê-lo, pois, caso contrário, ele pode passar despercebido em meio à multidão.

Assim, dentro dessa missão de comunidade acolhedora da Igreja, como casa da disciplina, Agostinho ainda pondera que Cristo sendo rico “quis ser pobre, para que tivesse um pobre a quem dar”<sup>73</sup> e com quem caminhar.

### **3.3 Igreja sem características de tribunal**

Dois termos na linguagem bíblica são bem conhecidos aos pregadores do Evangelho: justificação e remissão. Ambos se referem a termos jurídicos assim definidos pelo Direito:

<sup>70</sup> SCHILLEBEECKX, 2008, p. 262.

<sup>71</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 66.

<sup>72</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 313.

<sup>73</sup> AGOSTINHO, 2013, p. 168-169.

**Justificação:** Diz-se do meio de prova testemunhal, formado em juízo voluntário, com a citação dos interessados da existência ou inexistência de um fato fundado e alegado, ou de certa relação jurídica, a fim de que se produza o efeito jurídico pretendido, depois de julgado por sentença.<sup>74</sup>

**Remissão:** Diz-se da liberação de um ônus, de um direito, de uma obrigação, ou de bens que são objetos de gravame. Diz-se também da renúncia e voluntária e graciosa, ou do perdão da dívida em benefício do credor.<sup>75</sup>

Apesar de as duas expressões terem a mesma etimologia, no sentido teológico diferem do direito comum quando o homem como transgressor da lei divina não dispõe, por si mesmo, de qualquer meio pelo qual possa ser justificado ou remido. No Direito, cabe ao juiz, mediante as provas carreadas aos autos e através de sentença, declarar a inocência ou a culpabilidade da pessoa acusada de transgredir a lei. Quando declarada a inocência, o indivíduo é justo; quando declarada a culpa significa que ele é réu.

Nesse sentido, assiste razão a Moltmann:

A Igreja é essencialmente a comunidade daquelas pessoas que foram justificadas por graça pela fé. [...]. Por isto, uma eclesiologia correspondente da Igreja verdadeira, não pode atuar com sonhos da Igreja ideal, mas no seu cerne somente com a doutrina da justificação. [...]. Pois pela justificação o ser humano injusto é conduzido para dentro da história do Espírito, de modo que se torna obediente em esperança e prática da justiça divina.<sup>76</sup>

Esses são termos que implicam diretamente na relação do homem com Deus perante suas leis, daí o alerta de Jesus relatado pelo evangelista Lucas:

Sejam misericordiosos, assim como o Pai de vocês é misericordioso. Não julguem, e vocês não serão julgados. Não condenem, e não serão condenados. Perdoem, e serão perdoados. Dêem, e lhes será dado: uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante será dada a vocês. Pois a medida que usarem, também será usada para medir vocês (Lc 6, 36-38).

A esse respeito, o verso 37 traz uma advertência aos proclamadores do Evangelho: “Não julguem, e vocês não serão julgados. Não condenem, e não serão condenados. Perdoem, e serão perdoados” (Lc 6,37). Esse é um alerta à Igreja, que não pode se revestir de falsa autoridade que a leve a julgar pessoas como se elas estivessem em um tribunal, cercado por juízes, promotores e escrivães.

Rocha em suas reflexões acerca do Evangelho de Lucas, coloca que nas memórias deixadas por Jesus não há um código de leis colocando um fardo “nas costas de homens e mulheres já fadigados [mas sim que] ao contrário, é um elemento reparador da justiça”<sup>77</sup>.

<sup>74</sup> NEVES, Iêdo Batista. *Vocabulário prático de tecnologia jurídica e de brocados latinos*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fase, 1990. s.p.

<sup>75</sup> NEVES, 1990, s.p.

<sup>76</sup> MOLTSMANN, 2013, p. 62.

<sup>77</sup> ROCHA, 2009, p. 20.

Marcial Maçaneiro, na abordagem da mesma narrativa (6, 36-38), enfatiza que a justiça para que “seja de fato instaurada, sem desvios ou alteração prática, não pode referir-se apenas à ideologia, classe ou poder que a promove, mas àquela reserva ética e espiritual que é o amor compreendido evangelicamente”<sup>78</sup>.

Por essa razão, é pertinente a crítica esboçada por Tamoyo-Acosta no artigo escrito à revista *Concilium*:

As religiões colocam as leis acima da liberdade, a obediência aos preceitos supostamente divinos acima da consciência. Inclusive a vida se converte num valor relativo, diante do valor absoluto da lei religiosa. O cumprimento desta lei tende a colocar-se acima e a frente da vida, até o ponto de exigir às vezes morte.<sup>79</sup>

Dentro do conceito atribuído aos tribunais, fica implícito que eles existem para que a justiça seja praticada em seus julgamentos. Não obstante, ao se falar da instituição Igreja vale recordar a fala de Agostinho que ao interpretar o texto de 1 João (2, 10), o faz dizendo que a perfeição da justiça está no amor ao irmão, já que o amor de Deus se encontra, reciprocamente, inserido na caridade fraterna e, ainda enfatiza, ser esse um amor que não só procede de Deus, mas que é o próprio Deus.<sup>80</sup>

Para Agostinho, mesmo que o “poder unido à justiça e a justiça associada ao poder constituem o poder judiciário, [a] justiça pertence à boa vontade”<sup>81</sup> anunciada pelos anjos quando do nascimento de Jesus: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade (Lc 2, 14).

### **3.4 Igreja trabalhando para devolução da cidadania**

Segundo a Agência de Notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil em 2017 se encontrava com 54,8 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza, considerado critérios estabelecidos pelo Banco Mundial. Entre essas pessoas, se encontra uma estatística elevada de mulheres sem a presença do cônjuge e com filhos na faixa etária de até 14 anos.<sup>82</sup>

<sup>78</sup> MAÇANEIRO, 2010, p. 874.

<sup>79</sup> TAMOYO-ACOSTA, Juam José. Dignidade e Libertação: pergunta teológica e política. *Concilium*. Petrópolis: Vozes, v. 2, n. 300, p. 65 -76, 2003. p. 69.

<sup>80</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 281.

<sup>81</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 419.

<sup>82</sup> IBGE. *Pobreza aumenta e atinge 54,8 milhões de pessoas em 2017*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23299-pobreza-aumenta-e-atinge-54-8-milhoes-de-pessoas-em-2017>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

Essa é uma estática que não se diferencia dos tempos de Jesus. A esse respeito, Pagola coloca que “grande parte dos pobres que cercavam Jesus eram mulheres privadas do apoio de um varão, elas eram sem dúvida as mais vulneráveis [e que] ser mulher naquela sociedade patriarcal significava estar destinada a viver num estado de inferioridade e submissão aos varões”<sup>83</sup>.

Independentemente da condição da mulher judia, os evangelistas relatam que Jesus estava cercado por várias delas e a todas Jesus demonstrou o seu amor compassivo e respeitoso. O Evangelho de Lucas mostra com detalhes essa atenção especial dada por Jesus às mulheres.

Pode-se dizer que a presença de mulher e criança na trajetória de Jesus é anterior a seu nascimento. Quando Maria, grávida de Jesus, visita a sua prima Isabel, também grávida, o texto narra que ao ouvir a saudação o bebê se agita no ventre de Isabel:

Naqueles dias, Maria preparou-se e foi depressa para a uma cidade da região montanhosa da Judéia, onde entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebê agitou-se em seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Em alta voz exclamou: “Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz! Mas por que sou tão agraciada, a ponto de me visitar a mãe do meu Senhor? Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê que está em meu ventre agitou-se de alegria. Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse!” (Lc 1, 39-45).

Pagola observa que não há homens na cena, mas duas mulheres em que Maria é a portadora de alegria, expressada na sua saudação que brota de seu Filho Jesus. Segundo ainda Pagola, Maria foi a primeira a ouvir o convite de Deus: “Alegra-te..., o Senhor é contigo”<sup>84</sup>.

Em um dos milagres atribuídos a Jesus por Lucas, relata que ele ao se aproximar da entrada de uma cidade de nome Naim, acompanhado de seus discípulos e de uma grande multidão, tem um encontro com outra multidão que seguia o cortejo fúnebre de um jovem filho único de uma viúva:

Logo depois, Jesus foi a uma cidade chamada Naim, e com ele iam os seus discípulos e uma grande multidão. Ao se aproximar da porta da cidade, estava saindo o enterro do filho único de uma viúva; e uma grande multidão da cidade estava com ela. Ao vê-la, o Senhor se compadeceu dela e disse: “Não chore”. <sup>4</sup>Depois, aproximou-se e tocou no caixão, e os que o carregavam pararam. Jesus disse: “Jovem, eu lhe digo, levante-se!” Ele se levantou, sentou-se e começou a conversar, e Jesus o entregou à sua mãe (Lc 7, 11-15).

O simples fato de ser mulher, já a colocava em desvantagem, ainda piorada por ser viúva. Essa mulher, relegada a segundo plano, portanto conhecia a dor do desprezo social e

---

<sup>83</sup> PAGOLA, 2014, p. 255.

<sup>84</sup> PAGOLA, 2012, p. 30-31.

com a morte do filho único a situação se agrava; ele era a única esperança para mantê-la com alguma dignidade que levasse a amenização da sua dor diante da exclusão. Nesse episódio, Jesus como portador das boas novas é quem se achega junto àquela mulher sofredora para dizer-lhe não chore e, da mesma forma que agiu no caso do leproso disposto no Evangelho de Lucas (5, 12-13), desafia a lei mosaica e toca no cadáver para que lhe voltasse a vida.

Para Pagola, as igrejas parecem não ouvir Jesus com a mensagem libertadora à mulher, como também ainda não foi descoberto o Jesus descrito por Lucas preocupado em libertá-la “de tantas humilhações e sofrimentos, e de cujos lábios saem sempre as mesmas palavras: ‘Mulher, não chores’. Este Jesus que, diante da mulher e diante de todos, utiliza seu poder não para dominar, mas para libertar do sofrimento”<sup>85</sup>.

Na devolução da cidadania dos excluídos, primeiramente, a pessoa tem que ser levada a restaurar o seu amor próprio. Nesse sentido, Agostinho detalha muito bem esse papel da Igreja quando assim se expressa:

É preciso, pois, ensinar ao homem a medida do seu amor, isto é, a maneira como deve amar a si próprio, para que esse amor lhe seja proveitoso. Duvidar de que ele se ama e deseja o próprio bem é pura demência. É preciso também ensinar ao homem como deve amar seu corpo, para que tome cuidado dele, com ordem e prudência. Porque o fato de o homem usar o seu corpo e desejar conservá-lo sadio e intato é verdade bem manifesta.<sup>86</sup>

Essa fala de Agostino é bastante atual quando se pensa que ao redor da Igreja encontram-se pessoas que perderam o amor próprio e toda a razão de viver; pessoas que têm que reaprender a gostar de si mesma, cuidar do seu corpo e da sua saúde física e mental.

Quanto às crianças e adolescentes, Jesus demonstrou preocupação, cuidado, carinho e respeito por elas, conforme Lucas:

O povo também estava trazendo criancinhas para que Jesus tocasse nelas. Ao verem isto, os discípulos repreendiam os que as tinham trazido. Mas Jesus chamou a si as crianças e disse: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas. Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele” (Lc 18, 15-17).

Sabe-se que crianças e adolescente são futuros formadores de opinião, tornando-se evidente que necessitam ser socorridas e direcionadas para O Evangelho que Transforma Vidas, pois são presas fáceis de aliciamento de marginais e traficantes de drogas e a Igreja deve dispensar a esse grupo, tão importante, o mesmo cuidado que foi dispensado por Jesus. Assim, não há o que protelar, tornando-se urgente que as comunidades cristãs, ao invés de

---

<sup>85</sup> PAGOLA, 2012, p. 137.

<sup>86</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 63.

esperar pelos órgãos governamentais, usem as dependências de seus espaços físicos para o trabalho de transformação com o ensinamento do Evangelho e ações sociais simples que demonstrem gestos de amor e misericórdia.

Quando se observa os exemplos deixados no Evangelho, o relato de Lucas (18, 35-43) mostra que a ação de Jesus não foi só para que o cego de Jericó visse, mas também para que fosse devolvida a dignidade de alguém que se encontrava à margem da sociedade. Jesus devolveu-lhe a cidadania perdida pela marginalização e essa é também a missão que cabe a todos que se dizem proclamadores do Evangelho.

A esse respeito, vale ressaltar um trecho do artigo de Tamoyo-Acosta:

As palavras de reabilitação da dignidade não permanecem no plano meramente declarativo; elas vêm acompanhadas de atos libertadores que tornam realidade a reabilitação que anunciam. Os milagres são gestos compassivos e solidários, através dos quais Jesus de Nazaré devolve a dignidade e a integridade àqueles que haviam sido privados dela, reconhece como pessoas aqueles que eram tratados como não-pessoas, integra-os na comunidade da qual haviam sido excluídos e reconstitui o tecido social destruído pelo código de pureza.<sup>87</sup>

É nesse sentido que a Igreja ratifica o que declara acerca do Evangelho, pois, ainda hoje, a exemplo do cego de Jericó, há muitos à beira do caminho esperando que seu grito de socorro seja ouvido e atendido. São pessoas à espera de ações que possam reintegrá-las ao convívio social, devolvendo-lhes a dignidade e a cidadania.

### **3.5 Igreja na função pedagógica de Jesus**

Agostinho, ao denominar a Igreja como “casa da disciplina” diz ser ela o local onde se ensina tanto a amar a Deus, como ao próximo.<sup>88</sup>

Jesus era visto por seus seguidores como mestre, que além de ensinar as escrituras, também falava do cotidiano das pessoas. O Evangelho de Lucas relata um dos discípulos pedindo a Jesus que os ensinasse a orar e ele, como mestre paciente e dedicado, prontamente os ensinou a tão conhecida Oração do Pai Nosso: “Certo dia Jesus estava orando em determinado lugar. Tendo terminado, um dos seus discípulos lhe disse: ‘Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou aos discípulos dele’. Ele lhes disse: Quando vocês orarem, digam: ‘Pai! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino’ [...]” (Lc 11, 1-4).

<sup>87</sup> TAMOYO-ACOSTA, 2003, p. 69-70.

<sup>88</sup> AGOSTINHO, 2013, p. 163.

Agostinho ao analisar a oração do Pai Nosso, coloca que invocação ao Pai inflama o amor, pois desperta na pessoa humana “o afeto suplicante e a certeza de obterem o que vai ser pedido”<sup>89</sup>. Ao Jesus ensinar a orar, também ensinou o amor e o respeito do filho ao se aproximar do Pai com a certeza que será ouvido.<sup>90</sup>

Pagola, analisando a expressão Pai Nosso, assim se pronuncia: “É o primeiro grito que brota do coração humano [...]. Uma invocação que nos enraíza na fraternidade universal e nos torna responsáveis perante todos os outros”<sup>91</sup>.

Vale a pena destacar, também, na fala Pagola que toma o Venha o teu Reino e, por analogia, o transfere aos dias atuais:

“Venha o teu Reino”. Que não reine no mundo a violência e o ódio destruidor. Que reine Deus e a sua justiça. Que não reine o Primeiro Mundo sobre o Terceiro, os europeus sobre os africanos, os poderosos sobre os fracos. Que não domine o varão sobre a mulher, nem o rico sobre o pobre. Que a verdade se apodere do mundo. Que se abram caminhos para a paz, o perdão e a verdadeira libertação.<sup>92</sup>

É esse mesmo amor, segurança e respeito, que tão bem são explorados por Agostinho, Pagola e outros nessa oração, que devem ser manifestos quando a Igreja exerce a sua função pedagógica.

Lucas também narra Jesus ensinando o que não se deve fazer na oração, nos termos texto a seguir:

“Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho’. Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’. Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 18, 10-14).

Segundo Pagola, essa é a parábola mais desconcertante contada por Jesus, pois o que fariseu falava em sua oração não era uma mentira; certamente ele era mesmo um fiel cumpridor da lei, razão que o levou a sentir-se seguro diante de Deus, mas para Jesus a oração daquele piedoso fariseu não passava de uma vanglória. Em contrapartida, o cobrador de impostos sentiu-se acusado por sua própria consciência, por isso pôde perceber a necessidade de mudança, necessidade essa que o faz refugiar-se na compaixão de Deus. Esse último, “volta para casa transformado, abençoado, justificado por Deus”<sup>93</sup>.

<sup>89</sup> AGOSTINHO, 2017, p. 141.

<sup>90</sup> AGOSTINHO, 2017, p. 142.

<sup>91</sup> PAGOLA, 2012, p. 200.

<sup>92</sup> PAGOLA, 2012, p. 201.

<sup>93</sup> PAGOLA, 2012, p. 301-303.

Para Rocha, a ideia errada que o fariseu tinha de si mesmo, fazia com que ele também tivesse uma ideia errada em relação às outras pessoas e é isso que Jesus repreendeu na parábola.<sup>94</sup>

Da mesma forma que Jesus fez ver quão prejudiciais são os julgamentos preconcebidos, como o daquele fariseu, a Igreja, na sua função pedagógica, deve ensinar lições de comportamento que levem as pessoas a se despirem dos preconceitos e arrogâncias e se dedicarem à árdua tarefa de transformar vidas através do amor e da misericórdia proclamados pelo Evangelho de Cristo.

Em outra narrativa do evangelista Lucas, Jesus ensina o uso das posses materiais para dar firmeza aos valores reais e permanentes desta vida, pois muitos tem perdido a saúde, família, amigos devido ao uso incorreto de suas riquezas e dinheiro.

Por isso, eu lhes digo: usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito. Assim, se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas? E se vocês não forem dignos de confiança em relação ao que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês? Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará ao outro, ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro (Lc 6, 9-13).

Os versos 10 e 11, indicam que ninguém avança para uma posição mais elevada, enquanto não tiver demonstrado a sua lealdade e capacidade em atividades menores.

É possível perceber nos textos de Lucas destacados neste tópico, que Jesus, em sua função pedagógica, ensinava aos seus seguidores usando regras e práticas de vida incentivadoras do amor a Deus e ao próximo.

A instituição Igreja tem uma comunidade repleta de profissionais de primeira linha a exemplo de professores, psicólogos, médicos, enfermeiros, advogados, cabelereiros, pedreiros, artesãos e vários outros que, se dispostos a doar um pequeno percentual de seu tempo e conhecimento, tanto no âmbito pedagógico ou na dedicação profissional, com pequenas atitudes são capazes de devolver cidadania aos excluídos, em um gesto de amor e misericórdia para com o próximo.

---

<sup>94</sup> ROCHA, 2009, p. 74-75.

## CONCLUSÃO

A conclusão deste trabalho ratifica o seu tema ao evidenciar, através das pesquisas relacionadas, que o Evangelho é uma ferramenta que, se usada como ato de amor e misericórdia para ensinar e socorrer o necessitado, produz mudança de comportamento do ser humano.

Nesse sentido, o discurso que iniciou o ministério de Jesus no evangelho de Lucas: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4, 18 e 19), é uma chamada à ação, pois ele mesmo se colocou como um humilde servo para levar as boas novas aos pobres; se pôs pronto para resgatar, curar, libertar e devolver a saúde; ali estava uma mensagem desafiadora para mover e mudar a todos que iam a ele.

Assim, as autoridades eclesásticas jamais poderão ser omissas diante das necessidades do próximo, aqui entendidas em todos os seus aspectos, conforme observa Moltmann quando classifica como pobre não somente o que tem carência econômica, mas aqueles que "sofrem violência e injustiça sem poder se defender"<sup>95</sup>. É uma violência que pode ser tanto social e física, como psíquica, moral e religiosa, acrescenta Moltmann.<sup>96</sup>

Jesus ao passar por este mundo, não delegou aos anjos atuar como porta voz da salvação – entende-se aqui também resgate de vidas destroçadas – e sim a pessoas, por isso o Evangelho de Cristo, ainda hoje, não pode se calar diante de situações de injustiças.

Dentro do contexto, é necessário entender que a Igreja, enquanto entidade religiosa, além de anunciar uma mensagem de esperança e amor, tem o dever de buscar o necessitado, mostrando-lhe que pode superar os obstáculos para tornar-se uma pessoa melhor. Da mesma forma, é fundamental ensinar que os valores éticos e morais devem ser preservados.

Em razão do exposto, torna-se urgente que o assunto seja abordado e discutido, mesmo que de forma acadêmica, pois com certeza o trabalho servirá de veículo de conscientização para aqueles que porventura a ele se ater.

O Evangelho pode e deve ser usado para transformar vidas, não como um ato isolado, mas sim como um processo que demanda tempo e mudança de comportamento. É a transformação do pensamento, ou seja, que parte de dentro para fora.

---

<sup>95</sup> MOLTSMANN, 2013, p. 115

<sup>96</sup> MOLTSMANN, 2013, p. 115

Finalmente, cabe ressaltar que se as comunidades cristãs se unirem em torno da proclamação do Evangelho pregado, testemunhado e vivenciado por Jesus, a exemplo das narrativas de Lucas, desde que conduzidas por líderes sérios e éticos, que busquem trilhar o caminho da obediência aos ensinamentos de Jesus Cristo, serão capazes de ultrapassar as fronteiras do Estado e deixar, para a humanidade de todas as gerações, legados importantíssimos e com lições de cidadania e respeito ao próximo que se perpetuarão através dos séculos.

Também é importante salientar que este trabalho está limitado à pesquisa teológica bibliográfica relacionados aos tópicos nele expostos, entretanto o tema discutido abre proposta para discussão de outras questões importantes a exemplo de como a Igreja pode se relacionar no âmbito da cultura e costumes, meio ambiente e outros, preservando os princípios éticos e morais do Evangelho transformador.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A disciplina cristã*. Tradução de Fabricio Gerardi. In: \_\_\_\_\_. *A fé e o símbolo; Primeira catequese aos não cristãos; A disciplina cristã; A continência*. São Paulo: Paulus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *A Graça (II)*. Tradução de Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O sermão da montanha e escritos da fé*. São Paulo: Paulus, 2017.
- AGUSTÍN, San. *Tratado sobre el bautismo*. Disponível em: <[https://www.augustinus.it/spagnolo/sul\\_battesimo/index2.htm](https://www.augustinus.it/spagnolo/sul_battesimo/index2.htm)>. Acesso em: 11 out. 2019.
- CORREIA JUNIOR, João Luiz; SILVA, Gregorina de Souza e. Dai-lhe vós mesmos de comer. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, v.3, n. 95. p. 35-48, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- IBGE. *Pobreza aumenta e atinge 54,8 milhões de pessoas em 2017*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23299-pobreza-aumenta-e-atinge-54-8-milhoes-de-pessoas-em-2017>>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- HORSLEY, Richard A. *Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2000.
- LUCAS. In: BÍBLIA de Estudo NVI. Tradução NVI: coordenador Luiz Sayão. São Paulo: Vida, 2003.
- MAÇANEIRO, Marcial. Misericórdia, carisma e missão. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, fasc. 280, p. 867 – 885, out. 2010.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, história e filosofia: uma introdução à teologia cristã*. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Teologia pura e simples: o lugar da mente na vida cristã*. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa:Ultimato, 2012.
- MOLTMANN, Jürgen. *A Igreja no poder do espírito: Uma contribuição à eclesiologia messiânica*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Academia Cristã, 2013.
- NEVES, Iêdo Batista. *Vocabulário prático de tecnologia jurídica e de brocados latinos*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fase, 1990.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Jesus e o dinheiro*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Memória e Liberdade: espiritualidade do seguimento de Jesus, O Cristo*. São Paulo: Reflexão, 2009.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do Novo Testamento*: Tradução de Hans A. Trein. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

TAMOYO-ACOSTA, Juam José. Dignidade e Libertação: pergunta teológica e política. *Concilium*. Petrópolis: Vozes, v. 2, n. 300, p. 65 -76, 2003.